This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

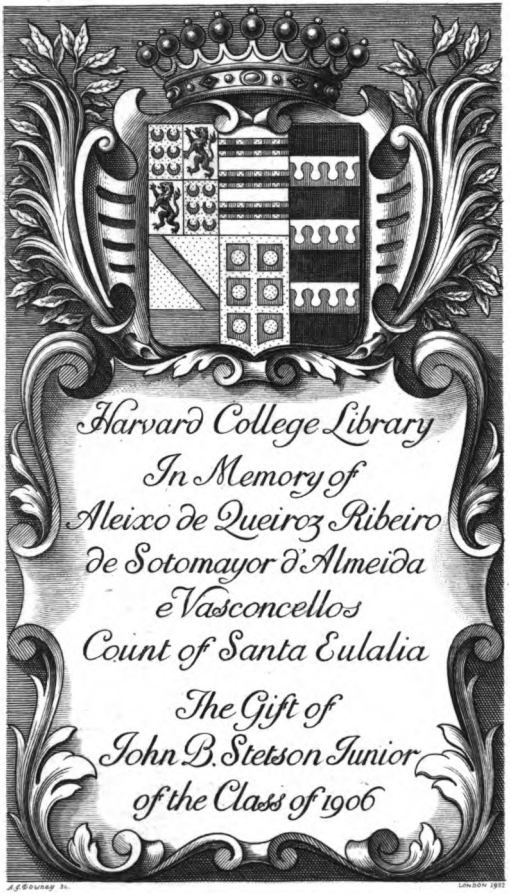
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAL9332.49.105



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ANTONIO SALLES

Versos Diversos

(1888-1890)

FORTALEZA
TYP. DE JOSÉ LINO—RUA DO SENADOR POMPEU N. 82-A

1890

Digitized by Google

BOYVEAU & CHEVILLET
22, rue de la Banque
PARIS (TÉLEPHONE)
LIVRES ANGLAIS, ALLEMANDS
ITALIENS, ESPAGNOLS, ETC.
Achat de livres étrangers.

Digitized by Google

ANTONIO SALLES

Versos Diversos

(1888-1890)

FORTALEZA
TYP. DE JOSÉ LINO—RUA DO SENADOR POMPEU N. 82-A

1890

Digitized by Google

SAL 9332.49.105

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
FEB 1 1932

Ao Dr. Ferreira de Araujo
offe.

Antonio Salles

31-12-90.

Digitized by Google

PANNO DE BOCCA

A actividade litteraria nos tempos que correm tem de tal maneira se concentrado no terreno do romance que a poesia vai sensivelmente passando para um lugar secundario. Estará ella para desapparecer?... Muitos criticos já têm se occupado com esta questão e mais de um pensador eminente responde pela affirmativa. Com effeito, apreciando-se rapidamente a sua importancia relativa nas épocas principaes da historia da humanidade, sente-se claramente que a poesia tem perdido gradualmente a preeminencia entre os meios de expansão do pensamento humano. Do papel de portadora do dogma ou das leis, que teve nas primeiras civilisações, áquelle que hoje lhe cabe vai effectivamente uma distancia enorme. Entretanto penso que ainda aventura muito quem prediz o seu proximo desapparecimento.

Em poucos annos o romance, desprestigiado pela multidão dos fabricantes inexgotaveis de volumes, desdenhado pelos pensadores, reduzido a ser uma industria parasitaria e dissolvente, subiu na segun-

Digitized by Google

da metade deste seculo a uma altura, que difficilmente seria prevista, passou por uma completa transformação e, abordando novos terrenos, adquiriu um campo de acção vastissimo debaixo de um encaminhamento seguro e bem orientado. Já tenta aos espiritos mais frios e mais positivos, já se commette aos mais complicados problemas psychologicos e vai pedir aos dados ou hypotheses scientificas o criterio para a sua analyse minuciosa e penetrante.

Porque a poesia partecipa tão pouco do progresso trazido ao romance nos ultimos tempos? Porque não chega essa poesia experimental, que devia acompanhar a ultima evolução do romance?

Antes de querer saber si effectivamente ha um declinar veloz e si está proximo o fim da poesia, cumpre indagar por que rasão a evolução dos dous generos litterarios não se tem feito parallelamente.

O romance cada vez mais tem se tornado analytico e nessa feição é que elle tem beneficiado de uma multidão de factos novos, quer como objecto, quer como meio.

Longe de obedecer ao impulso dos mesmos elementos transformadores, os dous generos tendem a se distanciar cada dia mais. Quando o romance analysa, analysa sempre, a poesia conserva-se e ha de se conservar eminentemente synthetica, e é por isso que a sua transformação retarda-se, vacilla, desnorteia. Nada mais indefinido, mais vago, mais obscuro do que as aspirações da sociedade actual. Por toda parte existe uma anciedade penosa, um máo estar sensivel e incomprehendido, que se resolve aqui no tedio pessimista, ali na agitação de uma actividade vertiginosa, febril, mais adiante

Digitized by Google

num abandono desconsolado, nirvánico, em outra parte nas mais estranhas aberrações da intelligencia, da sensibilidade, do gosto.

Parece que a humanidade já soffre do peso da civilisação, que se tornou forte de mais para ella, e sente que não se poderá deter na carreira em que vai para um desconhecido aterrador.

E a musa moderna, synthese da sociedade moderna, é feita de tudo isso; nada nesse mar agitado de inquietações febris, de hesitações pungentes, e desconfiança funda.

Si ella ainda não teve uma impulsão nova e definitiva é porque essa impulsão depende da resolução de problemas sociaes que parecem longe de ser resolvidos.

D'aqui até lá, irá ella se debatendo nos ensaios de multiplas escolas, se agitando á imagem da sociedade que a produz, mas irá subsistindo. Basta para ella que no mundo haja prazer e dor, enthusiasmo affectivo ou admirativo e odios amargos.

Antonio Salles é um producto exclusivo dessa musa contemporanea. Elle sentiu-se poeta ao contacto della, acordou para as lettras no meio desse embate vão de escolas mal definidas que ensaiam dar uma direcção á poesia moderna e se agitam n'uma ebullição cahotica e doentia procurando lhe abrir novos horizontes e esperando pelo homem ou pelos homens que lhe dêem a formula para acompanhar a transformação do romance. Estranho ao romantismo, que já não alcançou, alheio ao classicismo, que só mais tarde poderá comprehender e saborear, elle é um producto caracteristico da sua época.

Digitized by Google

Procurar uma individualidade litteraria em um poeta de vinte annos seria tarefa de nescio. Por mais possante que seja um cerebro, nessa idade elle não póde deixar de ser um joguete das idéas e doutrinas que se cruzam no mundo das lettras; e hoje que as escolas envelhecem quasi ao nascer, já não é pouco verificar em um novo poeta a aptidão para concorrer com o grande numero dos que ensaiam dar uma direcção á musa moderna.

Sensibilidade apurada, tino raro para apprehender nas cousas exteriores a *nota caracteristica por onde se revela o sentimento*, e provocar associações de idéas capazes de emocionar; escrupulosa selecção nas imagens, dicção de um parnasiano consummado mas nunca vasio de idéas, são as qualidades predominantes nas composições que o leitor vai percorrer. E nenhum critico sensato seria capaz de exigir mais do que isso; antes é uma agradavel sorpreza encontrar tantas vantagens em uma primeira collecção de versos e publicada em tão tenra idade.

Não é em tal estação da vida que se póde ter o impersonalismo e a impassibilidade da poesia erudita. Lecomte de Lisle publicou o seu primeiro volume aos trinta annos. Deve ter começado como Antonio Salles entoando o hymno eterno do alvorecer do coração. E si não publicou esses poemas foi provavelmente porque o seu temperamento frio não lhe permittia collocar nelles a chamma que aviventa os deliciosos burilamentos deste volume. Poude por isso discutir sem incoherencia a estranha these que abraçára: e por isso mesmo elle ficou sendo mais um esculptor de grupos laocoonticos, do que um verdadeiro poeta. Não acontece o mes-

Digitized by Google

mo com as nossas naturezas tropicaes. Podem mais tarde, si para isso lhes der a phantasia, verter copia de erudição nos versos, como fazem alguns lá pela Europa; podem, calmos como o destino, frios como a fatalidade, fazer em verso a anatomia do coração humano; podem abordar os mais complexos problemas psychologicos, podem envenenar as suas pennas com o pessimismo dissolvente de Richepin ou o amargo desespero de Rollinat, mas em todo tempo elles poderão dizer como o antigo poeta persa do tempo dos Ghaznevidas: « Dilacerei o coração com as unhas e espalhei os seus fragmentos pelos meus versos. »

E' o proprio coração o que Antonio Salles nos patenteia na maior parte dos seus versos, o coração com todos os seus vãos anhelos e decepções, com todas as suas lutas e hesitações. Mas cumpre observar que vai longe deste livro ao lyrismo dos romanticos da geração passada. Tambem se distancia um pouco da pleiade actual de poetas do sul, já pelo maior recato da sua musa ainda habituada a córar, já por se achar em contacto mais estreito com a natureza, comprazendo-se com ella ou increpando-a segundo se conformam ou não os seus aspectos com os sentimentos mais intimos do poeta. Abra-se o livro á pagina 20 por exemplo e ver-se-á na *Manhã de luto* a revolta da alma inquiéta e atormentada contra a impassibilidade fria da natureza; mais adiante *(Fora das ruas)* ella procura refugio n'uma expansão pantheistica de abandono. Factos particulares suggerindo a emoção, eis o processo artistico melhor empregado pelo poeta cearense.

O que será Antonio Salles daqui a seis ou dez annos seria temeridade querer adivinhar.

Digitized by Google

O Messias da poesia moderna se demora e os fiéis já duvidam da sua vinda. Parece que ella está destinada a ir por muito tempo ainda reproduzindo nas lettras as variadissimas formas da nevrose do seculo.

E emquanto se prolonga esta situação indecisa, o joven auctor deste livro ainda terá de ajustar contas com o seu irrequiéto coração.

Muitas desillusões ainda lhe estão reservadas e á custa dellas a nossa litteratura ganhará uma grande cópia de preciosas gemmas como as que o leitor vai agora percorrer.

Sejamos-lhe gratos pelo concurso que traz á consolidação da litteratura patria e não lhe perturbemos esses sonhos que tão cêdo infelizmente se dissipam.

Fortaleza, Novembro de 1890.

José Carlos Junior.

Digitized by Google

Versos Diversos

Digitized by Google

Digitized by Google

Versos Diversos

O LENÇO

Tinha listas azues como os meus sonhos,
Outras douradas qual do sol um raio,
Algumas rozeas quaes manhãs de maio,
Ou como os labios seus — sempre risonhos !

Tinha um vago perfume intimo e doce,
A delicada flacidez do arminho :
—Brando e cheiroso assim como si fosse
Feito de uma violeta e de um carinho . . .

Foi feliz, bem feliz, pois teve a dita
De envolver suas mãos brancas e puras,
De esconder de seu riso as travessuras,
Ou — quem sabe ! uma lagrima bemdita . . .

Digitized by Google

Muitas vezes talvez que, venturoso,
Beijasse as suas faces sorridentes;
Respirou o seu halito cheiroso,
E foi mordido por seus brancos dentes...

Em certa noute em que do baile veio,
Foi com as ligas dormir no sapatinho;
Em noute mais feliz teve por ninho
O seu nevado e immaculado seio...

Invejado e querido assim vivia;
Mas — ai! um dia a dona, ardendo em iras,
Num arroubo de colera sombria,
Fez o querido pobresinho em tiras!

E eu, que acima tudo o idolatrava,
Eu, que o adorava ternamente, penso
Que essa deusa raivosa desejava
Rasgar meu coração, em vez do lenço...

Digitized by Google

REMINISCENCIAS

A' Maroca.

Lembra-me bem — com que saudade! a aldeia
De largas ruas, festival, garrida,
Com suas grandes arvores e a ermida
Que no meio da praça ampla se alteia.

Deitada no tapiz branco da areia,
Que cobre o dorso á ribanceira erguida,
Contempla o mar, que, tumido de vida,
Palpita em baixo — azul como uma veia.

Julgo estar vendo os bronzeos pescadores,
As jangadas, e as conchas multicores
Cravejando da praia a eburnea veste...

E ali... Foi nessa casa, cuja frente
Espia para as bandas do occidente,
Que eu nasci, minha irmã, que tu nasceste.

Digitized by Google

VICE-VERSA

Tu já não me contemplas como d'antes,
Quando, indecisa, tremula e medrosa
Me dizias palavras balbuciantes,
Tendo no rosto uns vivos tons de rosa.

Já não tremem-te as mãos quando, radiosa,
A' luz festiva dos salões brilhantes,
Eu te enlaço a cintura vaporosa,
No turbilhão das valsas delirantes.

Foi-se aquelle rubor, aquelle enleio
Que te fazia palpitar o seio
Offegante, precipite, agitado . . .

Tu já não me contemplas como outr'ora,
E quando a sós fitamo-nos agora,
Sou eu quem baixa os olhos, enleiado . . .

Digitized by Google

MANHÃ DE FESTA

Tout chante par le monde ainsi
que dans mon cœur !

MAUPASSANT.

Eu despertei a rir, e o mundo ria,
Claro e loução, aos tepidos carinhos
Do sol, que envolto em nuvens côr de arminhos,
No humbral do oriente, esplendido, surgia.

Uma sonora e vivida alegria
Percorria-me d'alma os escaninhos,
Como um raio de luz dourando ninhos
— Cheios de amor e cheios de harmonia.

Dá-me sempre manhãs iguaes a esta,
Cheias de luz e canticos de festa,
Oh! mãi sublime! oh! doce Natureza!

Manhãs em que, com a chave de um sorriso,
Descerras o limiar do Paraiso
E fechas a masmorra da tristeza!

Digitized by Google

EM ABRIL

O céo poz termo, emfim, aos impiedosos dias
Em que campeia ingente um sol abrasador,
E entorna a cornucopia azul das alegrias
Dos amplos areiaes no scintillante albor.

Andam vagas de luz, repletas de harmonias
Soltando pelo espaço uns canticos de amor,
E invadem-me o pulmão emanações sadias
Das moutas de jasmins, da mongubeira em flor.

A vastidão do mar enflora-se de espumas,
E agita o coqueiral as vigorosas plumas
A' caricia taful dos zephiros subtis;

Vergel em fóra o orvalho alveja, scintillando,
E o sorridente azul vão céleres cortando,
Como flechas de luz, os louros bemtevis,

Digitized by Google

AO LUAR

Noute de estio ; o placido e argentado
Novilunio subia lentamente
O curvo azul infindo e desmaiado,
Acclarando a alameda ampla e silente.

Se embebia nas arvores pompudas,
Profusa e calma, a luz embranquecida,
E se enchia de grandes sombras mudas
A superficie branca da avenida.

No remanso das aleas mais escusas,
As boninas — purissimas donzellas —
Dormiam como as pallidas reclusas
Dormem na paz monotona das cellas.

Emtanto as rubras rosas, — impudentes
Filhas do amor, — repletas de desejos,
Riam, sorvendo os voluptuosos beijos
Que lhes davam os zephiros languentes . . .

Entre os festões espessos, ondulantes,
Das lianas, talvez que nos arminhos
De um thálamo feliz, — ternos amantes —
Dormissem mansamente os passarinhos . . .

Digitized by Google

Na vastidão d'aquella noute calma,
Como as brizas do mar, que, brandamente,
Sussurram pelas arvores, minh'alma
Divagava, sonora e transparente . . .

E essa mulher de voz meiga e cantante,
Qual das deusas marinhas encantadas;
Que tem no olhar a negridão radiante
Das opulentas noutes constelladas;

Ia e vinha; e seu passo era tão leve,
Tão garboso e subtil, aéreo e vago,
Como si o solo fosse um quieto lago,
E ella um cysne gentil, da côr de neve.

Minh'alma, a doudejar ardente e solta,
Prendeu-se, a murmurar ternos idylios,
Aos sedosos frouxeis dos negros cilios
E nos meandros da trança desenvolta . . .

E como espira alvissima de incenso,
Que o vento ora retorce, ora arrebata,
De nuvem rota um floco ia suspenso
A' lua — esse thuribulo de prata.

Digitized by Google

BEIJOS

A . . .

De um melindroso bogari nevado
Eu contemplava a veludosa alvura
E sorvia encantado a doce e pura
Emanação do calix perfumado.

Dei-lhe depois um beijo demorado . . .
Mas dos meus labios á voraz quentura,
Vi surgir uma grande nodoa escura
Manchando o pobre bogari nevado !

Que remorsos que eu tive ao ver aquella
Florinha antes tão candida e tão bella
Tornar-se assim tão lugubre e tão fria !

Repelle os beijos meus ! Si a tua face,
Desvairado, num impeto eu beijasse,
O meu labio brutal a crestaria . . .

Digitized by Google

DE TARDE

A Antonio Bezerra.

Na sombra, ao pé das arvores, rumina
O manso gado em placidas manadas,
E o sol enrola as flamulas douradas
Que desfraldara ás brisas da campina.

Arroxeia-se a serra ; nas ramadas
Agglomeram-se os passaros ; termina
O labor dos roceiros, e a argentina
Voz da araponga estala nas quebradas.

Do rebanho a alva fila caprichosa,
Sem um rumor, pacifica, deslisa
No trilho da vereda sinuosa ;

E a jurity — das mattas a poetisa —
O pé mettido em meia côr de rosa,
A branca areia dos caminhos pisa.

Digitized by Google

CHROMO

A Bellarmino Carneiro.

Seis horas. Desperta a villa :
Vão se descerrando as portas,
— Pesadas palpebras mortas
Durante a noute tranquilla.

A luz matinal anila
Da serra as córcovas tortas ;
Na rua o orvalho scintilla
Na gramma da côr das hortas.

Passa, por homens levada,
Uma rede ensanguentada,
— De uma tristeza que aterra . . .

E um velho que marcha ao lado
Chora o filho assassinado
Num samba que houve na serra.

Digitized by Google

NO CEMITERIO

A multidão tristonha e lutulenta,
Como um negro rebanho, enche a avenida ;
Ao longe solta a orchestra a entristecida
Voz, e a tristeza a cada instante augmenta.

Lava o orvalho da dôr a carcomida
Inscripção de uma campa ; ali rebenta,
Numa explosão indomita, a sedenta
Recordação de alguem que jaz sem vida.

Um chora ; outro suspira ; outro uma prece
Eleva ao céo ; de marmore parece
Essa mulher que chora alem, de bruços . . .

Ao pé de mim soluça uma creança,
E o seu pranto desperta-me a lembrança
De que ouvi n'outra parte estes soluços . . .

Digitized by Google

POR MONTES E VALLES

(Trecho de carta.)

Desejo remontar-me á serrania
Cheia de luz, de aromas, de bulicio;
Andar de precipicio em precipicio
E errar de penedia em penedia!

Ver o sol levantar-se lentamente
Do colchão refulgente da alvorada
E vir banhar o rosto na corrente
Que deslisa entre a relva perfumada;

Ouvir a prece matinal que ao longe
Resa o penhasco — envolto como um monge
No seu burel de immaculada alvura,

Emquanto que ao clangor da passarada
Juntas a tua angelical risada
Argentina, feliz, vibrante e pura!

Digitized by Google

SERTÃO A FORA

Claro o rio a correr ; a larga esteira
Da agua, que desce mansamente, esconde
Dos verdes ramos tremulos a fronde
Curva da altiva e erecta ribanceira.

Aos lados mattagaes espessos, onde
Fervilha a chilrear a turba inteira
Dos fulvos corrupiões, a que responde
O longinquo cantar da lavadeira.

Rio acima, divisa-se a collina
Que entre o mar da folhagem movediça
Levanta no ar a magestosa espalda ;

Abaixo desenrola-se a campina,
Onde o verde juncal o solo eriça,
— Amplo carcaz de settas de esmeralda.

Digitized by Google

DE VOLTA DO CAMPO

Onde andei ?... Si eu pudesse estar contente
Separado de ti, flor, eu diria
Que nunca uma tão limpida alegria
Encheu-me tão gostosa e docemente !

Esses camponios, — que bondosa gente !
A casa onde eu passei todo este dia
Tem vasto cajueiral logo na frente
E atraz uma corrente clara e fria.

Deixaram-me os cajús e o peixe fresco,
O banho, o panorama pittoresco
Do *sitio*, a voz das aves e da brisa,

Os sentidos em tal prazer immersos,
Que, faltando papel, fiz-te estes versos
Escrevendo-os no punho da camisa !

Digitized by Google

A VOLTA DAS ANDORINHAS

A Oliveira Paiva.

I

Dias antes o sol raivoso e encandescente
Havia fulminado inexoravelmente
Com seu olhar de fogo a vastidão do solo!
Beijara doudamente o enfebrecido collo
Das campinas sem fim e andara pelos montes
Sugando a ultima gotta ás desoladas fontes!
Roubara de um só trago as perolas do orvalho
A' descorada flor; puzera em cada galho
Um gesto de pavor e desespero; enchera
De tristeza e dor a altiva cajazeira
De folhagem despida... A amarellenta gramma
Parecia um lençol intermino, de chamma,
Fumegante, a ondular pela planicie a fora...

Mas que transformação e que mudança agora!
Que frescura no espaço e que harmonia ingente!
Como tudo se expande e ri gostosamente!
Do céo, qual de uma taça azul, de porcellana,
Voltada para nós, a chuva se espadana
Sobre a floresta, o mar, o rio, o valle e a serra,
— Bemdito élo de amor unindo o céo á terra!

Digitized by Google

O sol despe o rancor do seu olhar radiante,
E agora, como um terno e apaixonado amante,
Esboça na amplidão um riso dulçuroso
Que faz estremecer n'uns fremitos de goso,
Num espasmo de amor, a terra e os corações!

Rejuvenesçe o campo: em niveos borbotões,
Atravessando a estrada, o múrmuro regato
Esconde-se, a cantar, na densidão do matto.
Folha nova e vivaz o matagal pompeia.
Pelas varzeas em flor o gado piuoteia
E muge festival... Tudo renasce! As cores
Das alfombras, do céo, das pedras e das flores
Têm uma nitidez esplendida e vibrante!
E o rude lavrador — feliz, risonho, diante
Do pujante esplendor da natureza, sente
O calor da esperança enchel-o e, anciosamente,
Vôa ao roçado e cava... eis plantado o legume,
— Um penhor de abundancia!
Em célere cardume,
As borboletas vão, insoffregas, accesas
N'uma sêde de aroma, a voar pelas devezas,
Confundindo o matiz das azas irrequietas
Com as flores do vergel — immoveis borboletas.
Ha orgias de sons e luz pela espessura...
E — olhai! transpondo a curva illuminada e pura
Do horisonte, lá vêm os bandos de andorinhas
Que se foram d'aqui, fugindo, coitadinhas,

Digitized by Google

A's coleras do céo raivoso e truculento,
Sedentas de frescor, num bando lutulento . . .
Mas regressam emfim aos seus queridos lares.
Pondo traços subtis na tela azul dos ares,
Lá vão caracolando á cata dos insectos,
Pousando nos beiraes, no vertice dos tectos.
Esta um ninho constróe ; aquella o espaço cruza . . .

E, andorinha fugaz, tambem a minha musa,
Que vive do verdor das esperanças minhas,
Saudosa regressou, — voltou com as andorinhas !

Digitized by Google

NA PRAIA

Era á hora em que as céleres jangadas,
Como de garças pressuroso bando,
Das vastidões profundas e azuladas
Vêm, serenas e brancas, regressando.

Inda nas velas concavas, infladas
Pelos bafejos do favonio brando
Esbatiam-se as tremulas, douradas
Ascuas do sol, que ao longe ia expirando.

Moças andavam pela praia a fora,
E fugiam da vaga alva e sonora,
N'uma algazarra de gritinhos francos...

E o velho mar apaixonado e rude
Não lhes poude beijar, como eu não pude,
Os pés e a fimbria dos vestidos brancos...

Digitized by Google

MANHÃ DE LUTO

A aurora irradiante
Transbordava dos celicos escrinios
Polvilhando de uns vivos tons carmineos
A flava cabelleira do Levante.

E os gallos de campina
Despertavam soltando alegremente
Do alvorecer a doce cavatina
Pelo vibrante rosicler do ambiente.

A' frigida caricia
Das auras matinaes, eu me sentia
Invadido de uma intima delicia,
De umas ondas sonoras de alegria.

Os pombos diligentes
Passavam sobre mim ruflando as azas
E aos pares, como noivos sorridentes,
Arrulhavam no pincaro das casas.

Era tão calmo e lindo
O aspecto da cidade á luz da aurora,
Que eu murmurei : — sob teu pallio infindo
Ninguem chora, ninguem soffre nest'hora !

Digitized by Google

Mas ao dobrar a esquina,
Senti de horror e de surpreza morta
Minh'alma ante a visão de uma cortina
Negra, a pender do cimo de uma porta!

Pungentissimos ais
Vinham de dentro, lugubres, doridos,
E se perdiam pelo espaço — unidos
Ao gorgeio dos passaros joviaes.

Pousava a Morte ali;
Chorava alguem, gemia . . . E nesse instante
Surgia o sol, esplendido, radiante
Como um recemnascido que sorri!

Digitized by Google

TEU LEQUE

Vejo outra vez esse teu leque amado
Feito de gaze transparente e preta,
Na tua mão esculptural pousado
Como uma adormecida borboleta.

Inda o aroma exquisito e delicado
Guarda da tua essencia predilecta,
— Cheiro brando e subtil como um agrado
E que não é nem rosa nem violeta . . .

E esses subtis e tepidos perfumes
Penetram-me de envolta com os cardumes
De saudades, de sonhos, de illusões . . .

Porque teu leque é um velho confidente
D'essa quadra de amor — pura e ridente
Lua de mel de nossos corações . . .

Digitized by Google

NA AVENIDA

Ao longe estende-se o mar,
E cahe sobre elle o luar
Como o albente cortinado
De um noivado . . .

Os coqueiros tremulantes
São ventarolas gigantes :
E' d'elles que vem a brisa
Que deslisa . . .

Das filas dos combustores
As tochas multicolores
São violetas e rosas
Luminosas . . .

Não sei que incognito dedo
Abre as boninas a medo,
Enchendo-as do nectar frio
Do rocio . . .

Boiam cysnes indolentes
Por sobre as aguas algentes,
— Magestosos como as Fadas
Das balladas . . .

Digitized by Google

Ha nas densas ramarias
Umas brandas harmonias
Que lembram doces harpejos,
Sons de beijos . . .

Minh'alma se abre aos luares
Como os alvos nenuphares,
Como as boccas pequeninas
Das boninas . . .

E como as flores nocturnas,
Do meu peito enchem-se as urnas
D'essas lagrimas tão bellas
Das estrellas . . .

Digitized by Google

ALEGRE

Dize : nunca estancou-se o veio de alegria
Que te escorre a cantar da bocca pequenina ?
Nunca a nuvem fatal de lagrima sombria
Empanou-te o fulgor da limpida retina ?

Nunca murchaste, flor ? Nunca choraste um dia ?
— Ella, — o rosto na mão, na branca mão franzina,
Nos meus olhos pousando o olhar que me domina —
Murmurou-me a tremer, com voz que mal se ouvia :

« A' hora em que se abysma em placido repouso
A natureza toda, e uma mudez enorme
Entorna sobre tudo um languido quebranto ;

A' hora em que soluça o oceano murmuroso,
E bruxoleia a luz, e tudo em torno dorme,
Então deixo de rir, e choro tanto e tanto !... »

Digitized by Google

NA REPUBLICA

A J. Guedes.

Entra o sol pela janella.
O quarto é um ninho de ratos:
— No chão ha livros, sapatos,
Cigarros, côtos de vela.

Do cabide pendem fatos
Com flor murcha na lapella,
E ha na parede retratos
De uma nudez crua e bella.

Um rapaz, de bocca aberta,
Resomna com o desassombro
Que tem, domingo, um caixeiro . . .

Outro, que cedo desperta,
De *chambre* e toalha ao hombro,
Caminha para o banheiro.

Digitized by Google

CARMINHA

A J. Costa Sousa.

Morreu . . . Este vocabulo medonho
Junto ao nome da irmã que amavas tanto
Pesa-te na alma como o horror de um sonho,
De um sonho máu que arrasa-nos de pranto !

Morreu ! — e inda suppões, como eu supponho,
Ver-lhe o brilho do olhar ingenuo e santo
E o semblante purissimo e risonho,
Inundado de um vago e ethereo encanto !

No caixãosinho fulgido e azulado
Ella deixou o lar idolatrado,
Qual fugitivo passaro que vôa . . .

Deus reserva-lhe um ninho luminoso :
— Somente um astro pode ser o pouso
De quem na vida foi tão pura e bôa !

Digitized by Google

EM MAIO

Alegre essa manhã ! A noute inteira
Afagara-me um sonho ardente e lindo,
E ao despertar, a flamula primeira
Vinha o sol sobre o leito meu abrindo.

Entre o verde frouxel da trepadeira
Que enflora o humbral do quarto eu via o infindo
Céo de Maio a sorrir ; pela mangueira
Andavam sanhassús cantando e rindo.

O mar azul da minha phantasia
Rolava em ondas quentes de alegria,
Todas de espumas fulgidas bordadas,

Onde boiavam sonhos e esperanças,
Risos, olhares, madrigaes, lembranças,
Como enxame de pétalas rosadas,

Digitized by Google

VIAJANDO

Ondula em cima a cupola sombria
Da densa ramaria, e as lentejoulas
De pyrilampos mil brilham ; das rolas
Geme a espaços a triste symphonia.

Entorna a brisa as tepidas caçoulas
Da noute, e por seu louro noivo — o dia,
Morto, enlutam-se as tremulas papoulas ;
Uma luz entre os mangues irradia.

Como um rio caudal, largo e gelado,
Corta a estrada o negror morno e profundo
Em zig-zags bruscos e bizarros . . .

E distingue-se de um e de outro lado
O contorno de um trilho escuro e fundo,
— A interminavel pégada dos carros.

Digitized by Google

RENASCIMENTO

A W. Cavalcanti.

Ella voltou, voltou trazendo-me a alegria
Scintillante e vivaz que no meu peito accorda;
Uma vaga de luz invade-me, transborda
Expellindo-me da alma a negra hypocondria.

Vibra de novo a Musa a hilariante corda
Que a ferrugem do tedio estupido roïa;
Fita-me um doce olhar, sorri, senta-se á borda
Do leito, e uma canção de amores preludia.

Quando a invasora luz das limpidas manhãs
Ri pela bocca audaz dos rubros *flamboyants*,
E os brancos pombos vão de immensidade a fora,

Então de um salto brusco e electrico galgando
O Pégaso febril, vou, doudo, galopando
A cantar através dos paramos da aurora!

Digitized by Google

DORMINDO

Perto d'ali as arvores enormes
Bracejam mollemente, olhando a lua
Que pervaga no espaço, emquanto dormes
E dorme toda a extensa e quieta rua.

Por entre o grupo escuro dos informes
Telhados, vejo o da casinha tua . . .
Lá dentro, emquanto um sonho bom fluctua
Sobre teu leito, brandamente dormes . . .

Jaz cerrada, inflexivel, a janella,
— Nuvem discreta e perfida que vela
Do teu dormir o languido abandono . . .

Ao passar por ali peço aos visinhos
Arvoredos, á brisa, aos passarinhos
Que não perturbem teu divino somno !

Digitized by Google

CREPUSCULAR

De nimbus colossaes se abobadara o espaço,
Tingindo o pôr do sol de um colorido baço.
Uma tristeza immensa e indefinida enchia
A glauca solidão do matagal. A fria
Ondulação subtil das brisas penetrantes
Soltava na espessura uns tremulos descantes.
Mugia ao longe o gado, e o carnahubal movia
A verde mão, saudando o sol qué se escondia.
Gemia surdamente o rio sob antiga
Ponte, e no negror do pantano a cantiga
Dos sapos parecia um lastimoso choro.
Chuviscava. Puchando o seu chapéo de couro
Para a nuca e esporeando o tropego sendeiro,
Demandava um camponio o rancho hospitaleiro.
Alto a cima o cinzento e intermino caminho
Confundia-se alem com o pardo torvelinho
Das brumas... E o camponio olhando o céo sombrio,
Sentindo penetral-o o acicate do frio,
Recordou-se, talvez, do cálido aconchego
Do seu querido lar, da paz e do socego
Da sua aldeia e, então, cantou com voz sentida,
Baixinho, uma canção saudosa e dolorida,
De uma saudade infinda, harmoniosa e doce.
. . . . . .
A cantar, a cantar nas brumas occultou-se . . .

E uma tristeza immensa e indefinida enchia
A glauca solidão da matta escura e fria . . .

Digitized by Google

MUTILAÇÃO

Eis-me aqui recostado á minha banca,
A rendilhar, segundo me ordenaste,
Um soneto na folhasinha branca
Do cheiroso jasmim que me offertaste.

Vendo-o, fico a pensar que decepaste
A tua mão e deste-m'a . . . Sê franca :
— Esta florinha tão mimosa e branca
Só o teu braço pode ter por haste !

O arminho, o alóes, o sandalo, a espuma,
Tudo o que é branco ou perfumado, em summa,
Este esguio jasmim reune em si.

E' tua mão ! — minh'alma, contristada,
Sente vel-a sosinha, mutilada,
Podendo estar . . . o jasmineiro aqui !

Digitized by Google

NA VILLA

Foi-se a semana, emfim, triste e calmosa,
Raia o domingo — o dia abençoado:
Ha um quê de vibrante e desusado
Que alegra e que illumina
A villa preguiçosa.

Da taberna da esquina
Abre-se a porta, e sahe o taberneiro,
Fumando, a passeiar pela calçada:
Traz camisa engommada
E chinellos de couro.

Scintilla no cajueiro
O reverbero louro
De um sol de inverno, limpido e sem raios,
E um bando de ruidosos papagaios
Passa gritando a voar de espaço a fora.

Em tudo, em tudo agora
Fervilha a animação,
A vida se espaneja,
E caminho da egreja
Vai um velho encurvado — o sachristão.

Digitized by Google

Chega dos arredores
A pittoresca e pressurosa gente :
Ostentando nas roupas vivas cores,
Em um grupo loução,
Marcham lestas na frente
As faceiras mulheres,
— Na trança negra os louros malmequeres,
Os chinellos na mão.

Um cabôclo, de calça arregaçada,
No hombro o cacete, de onde vêm pendente
As botinas e o fato domingueiro,
Relata ao companheiro
Uma simples historia emmoldurada
Em riso bonancheiro.

Em nuvens se levanta o pó da estrada,
E os ageis cavalleiros triumphantes
Entram em disparada,
Vergastando os cavallos espumantes.

Rola no espaço, qual festivo trino
De uma ave colossal, a voz do sino . . .
Mais uma vez . . . mais uma . . . Hora da missa !
Então enorme turba movediça
Marcha em rumo da ermida,

Digitized by Google

Que no meio da praça alegre e vasta
Brilha toda incendida
Na luz profusa, lourejante e casta.

Eis finda a ceremonia ; sahe o povo,
E a voz do sino escuta-se de novo,
Que d'esta vez tem a expressão sentida
De um prolongado adeus de despedida . . .

Partem muitos a pé ; outros, galgando
De um pulo a sella, os lares vão buscando.
— Até domingo ! — Adeus ! A cavalgada
Some-se alem na estrada,
E o silencio se estende sobre a villa.

Mas no coqueiro, altisona e tranquilla
Solta a graúna a voz clara e sonora
Que espirala e sorri de espaço em fora . . .

Digitized by Google

NO MEU ANNIVERSARIO

Vou attingindo ao pincaro da vida :
— Em breve chegarei á desolada
Estancia de onde vê-se a ennegrecida
Senda que desce ás solidões do Nada !

Mas antes que lá chegue, a alma — incendida
Na quente luz d'esta manhã dourada —
Solto em busca da cérula jazida
Onde repousa a minha infancia amada !

Inda sei gargalhar como as creanças ;
Tenho no peito um mundo de esperanças,
Que inda ha roseos de aurora pelo espaço . . .

Mas, entretanto, oh ! minha doce amiga,
Vou sentindo um começo de fadiga :
— Si tu quizesses me arrimar ao braço ! . . .

Digitized by Google

A GARÇA

Recostado na tosca balaustrada
Da ponte, eu contemplava o torvo rio
Que entre a alegre verdura da esplanada
Deslisa triste, vagaroso e frio.

Airosa garça a chlamyde nevada
Roçava no seu dorso lusidio
Molhando a ponta da aza immaculada,
Sem temor, nesse dédalo sombrio.

E eu disse : Oh ! rio — és como a minha vida,
Buscando o mar silente, ennegrecida,
E onde — ai ! o céo não se reflecte mais . . .

— Garça ! — és a imagem da creança pura
Que inda ousa vir sobre minh'alma escura
Roçar as brancas azas virginaes !

Digitized by Google

BARRA A FORA

Ria a manhã no céo quando o navio,
— As pardas velas tumidas de vento —
Erguia o ferro . . . O oceano lusidio
Era como um inverso firmamento.

Aquelle triste passaro erradio
Deixava, ao se affastar saudoso e lento,
Como pennugens, pelo mar vasio
Um rastilho de espumas alvacento.

No tombadilho palpitava um lenço . . .
— Ai ! que saudade e que pesar immenso
Traduz, no mar, um lenço que fluctua !

Esse talvez guardasse a alma dorida
De quem deixando a terra estremecida
Nella deixava uma alma irmã da sua . . .

Digitized by Google

? . . .

A Hermino Barroso.

A's montanhas azues que attentamente
Do firmamento a curva estão fitando
E vêem quando o sol se alteia e quando
Desce ás regiões sombrias do occidente :

A's velas que se vão saudosamente,
Como brancos alcyones em bando,
Pelo dorso das vagas deslisando,
Sob os estos do azul sonoro e quente :

A's phalanges mellisonas das aves
Que garganteiam musicas suaves
Sobre a altiva cervil dos coqueiraes :

Eu pergunto : P'ra encher o céo vazio
E' branca ou negra a nuvem que o bravio
Vento impiedoso do Destino traz ? . . .

Digitized by Google

PENDANT L'ORAGE

Chuva, trovões, relampagos . . . Coitados
Dos meus pobres irmãos, os passarinhos,
Que tiritam gementes e ensopados,
No isolamento frigido dos ninhos !

E eu não posso guardar aconchegados
Junto ao peito esses doces amiguinhos !
E eu não posso aquecer os desgraçados
Com meus beijos de amor e meus carinhos !

E ruge sempre o temporal ! Nest'hora
Minha querida, coitadinha, chora,
Toda envolvida em sua colcha branca . . .

E eu não posso ir, num beijo demorado,
Suffocar-lhe o gritinho angustiado
Que do seu labio a tempestade arranca !

Digitized by Google

O VESTIDO AZUL

Como um deslumbrador e intenso forno
Fulge o espaço lá fora,
E a luz viva e sonora,
Indiscreta do sol espiona em torno
Da camara deserta.

Uma chispa de luz, tremula, incerta,
Deita olhares equivocos, furtivos,
Sobre o leito vazio.

E um par pequeno e esguio
De pantuffos — dous colibris ondeantes —
Repousa ao pé das meias odorantes
E das ligas ditosas.

Vêm-se pet'las de rosas
Esparsas pelo chão,
E com ar de quem soffre dores fundas,
Ha lilazes e rosas moribundas
Nas jarras do Japão.

Como um frouxel de vaporosas gazes
Pende do torno um cérulo vestido

Digitized by Google

Que espaço a espaço agita-se movido
Pelo sopro dos zephiros fugazes.

Deleita a vista, encanta
Aquelle azul purissimo, risonho,
Que faz lembrar algum ditoso sonho,
Que faz pensar em tunicas de santa.

Flocos de renda espumam na abertura
Do corpete gentil; brilham aos lados
As filas de botões — olhos pasmados
Da pasmosa estreiteza da cintura.

Avoluma-se a curva tentadora,
A adoravel prisão dos seiosinhos,
— Cerúleo par de ninhos
D'esse casal de passaros da aurora.

Deixo vagar ardentemente os olhos
Pelas dobras reconditas dos folhos,
— Vagas azues de mar que se encapella . . .

Move o vento uma fita;
Depois . . . todo elle tumido se agita
Com saudades talvez do corpo d'ella!

Digitized by Google

DOLORES . . .

Ia-me n'alma uma subtil tristeza,
Um não sei que de vago e de magoado . . .
Toda de branco, estavas a meu lado;
Estava em luar a immensidade acceza.

Nuvens negras na larga correnteza
Da luz iam descendo . . . O contristado
Olhar teu me fitava demorado . . .
— Tinhas no labio uma pergunta preza.

— Que tens? — disseste. Estremeci. Teu collo
Da côr dos gelos virginaes do Polo,
Tremia, arfava em languidos arquejos . . .

E si eu não disse porque então soffria,
E' que essa historia ardente eu só podia,
Só podia contal-a ao som de beijos! . . .

Digitized by Google

VERSOS A JULIETA

Do meu quartinho na frente
Tenho um pequeno jardim,
— O meu melhor confidente,
Meu unico amigo, emfim . . .

E' pequenino e modesto :
Não traja as galas do luxo :
Não tem tanque com repuxo
E nem estatuas, de resto.

Vive isolado, escondido ;
Tem medo de se mostrar,
E desconhece o ruido
Da vida do *boulevard*.

Não podem farpas hostis
De algum olhar invejoso
Turbar-lhe o doce repouso
Onde elle medra feliz.

Estimo-o muito ! — e supponho
Que elle me estima, porque
Se mostra todo risonho
Quando risonho me vê.

Digitized by Google

Mas quando no meu quartinho
Eu gemo, tristonho e só,
Fica triste o pobresinho
Que chega a causar-me dó !

Ha nelle rosas vermelhas,
De avelludado carmim,
Onde as douradas abelhas
Fazem orgias sem fim . . .

Rosas lindas ! . . . Mas confesso
Que acho muito mais bonita
Tua bocca, onde volita
Teu risosinho travesso.

Si uma graúna vem vel-o
E canta e saltita ali,
Eu penso que é teu cabello
Que fez-se passaro, e ri . . .

Em noute placida e bella,
A chusma dos vagalumes
Vai recordando-me os lumes
Dos teus olhares de estrella.

Me affaga, de quando em quando,
Um doce aroma fugaz

Digitized by Google

Que a brisa traz-me, roubando
Das moutas dos resedás.

E essa branda emanação,
Subindo na noute calma,
Faz-me pensar que é tua alma
Vagando pela amplidão!

Si sombra de nuvem vejo
Das açucenas na alvura,
Lembra-me a nodoa de um beijo
Que eu te dê na face pura...

E como um bondoso olhar,
Um doce olhar de teus paes,
Resplende e fulge o luar
Na espessura dos rosaes.

Digitized by Google

ANTES DE IR VÊL-A

No quintal, sobre os rusticos pombaes,
A phalange dos pombos impaciente
Perscruta inquieta as bandas do nascente,
Que se tinge de uns longes matinaes.

Mais um instante e elles irão, joviaes,
Desfraldar na amplidão clara e ridente
A plumagem setinea e reluzente,
— Ebrios de luz e aromas de rosaes.

E como os pombos trefegos, sedentos
De perfumes, de claros firmamentos,
Tambem febril, insoffrego, estremeço

Esperando o momento em que, ditoso,
Hei de ir banhar-me no clarão radioso
Do sol de uns olhos pretos que eu conheço . . .

Digitized by Google

CONSOLAÇÃO

Nesta manhã esplendida de Agosto
Abro a janella á luz que vai subindo
Azul em fora, as sombras expellindo,
— Riso que espalha as nuvens de um desgosto.

Uma exquisita sensação de gosto
Enche-me todo de um prazer infindo,
Como si eu visse para mim sorrindo
O teu mimoso e idolatrado rosto!

Mas tu não sabes, minha doce amada,
Porque vim ver a rosa da alvorada
Abrir no azul os timidos refolhos . . .

— E' que o primeiro lucillar da aurora
Traz-me á lembrança, fracamente embora,
O fulgor deslumbrante dos teus olhos!

Digitized by Google

MISTRESS ***

A John L.

Ha dias que trago accesa
Na mente a imagem catita,
Fina, vibrante, exquisita
Daquella formosa ingleza.

Sentada, cingia ao flanco
Com chik extremo o filhinho,
— Um vulto rosado e branco
Envolto em nuvens de linho.

Ao lado o esposo fumava,
E ella, fitando-o, narrava
Não sei que historias gentis,

Cortadas pelos harpejos
Das risadas e dos beijos
Que propinava ao petiz.

Digitized by Google

LÁ . . .

Quando do sol se descerra
A somnolenta pupilla,
E a luz dourada scintilla
Vibrantemente na terra ;

Quando a curva e azúlea serra
Nitidamente se anila :
Digo : — que vida tranquilla
Aquella montanha encerra !

Eu quero, minha querida,
Fazer acolá um ninho
De onde vejamos o mundo . . .

Que solte um grito de vida
E incruste um ponto de arminho
Naquelle azul tão profundo !

Digitized by Google

FORA DAS RUAS

A Frederico Nascimento.

Eis-me longe da vida abafadiça
Que a gente vive na cidade ; agora
Sinto que dentro mim brota e se atiça
Rosea chamma que vai pela alma a fora
A rir e a cantar.
Ah ! como eu desejava, Natureza,
De novo contemplar
A tua casta e rude singeleza,
Onde é tudo sincero e tudo é santo !
Ha tanto tempo, ai ! tanto
Que te não vejo assim !
Mas hoje posso, emfim,
Sentir toda essa indomita alegria
Que de ti separado eu não sentia !

Doura a luz da tardinha
Longa alameda, em cujo termo brilha,
Como um bloco de jaspe, alva casinha.
Um grupo alegre e folgasão fervilha
Por entre os grupos de arvores ; jamais
Ouviram os vetustos cajueiros
Risadas tão joviaes !

Digitized by Google

Moutas de jasmineiros,
— Cheirosos *rendez-vous* dos beija-flores —
Alvejam d'entre os crotons multicores.

Na proxima roseira
Abre-se em rosa um timido botão :
Parece um coração
Que abre-se á luz de uma paixão primeira...

Creanças buliçosas,
Cujas faces gentis
Tinge o cansaço do rubor das rosas,
N'uma expansão frenetica e feliz,
Sobem aos troncos, rolam pela areia,
Soltando pelo valle, que estrondeia,
A sonora descarga de seus brados.

D'entre os frouxéis dos ramos aloirados
Soltam os passarinhos
Uns tremulos gritinhos,
Umas toadas mansas
Se orchestrando com as vozes das creanças.

Os gallos-de-campina
De rubra cabelleira
Vêm, soltando a risada crystalina,
Fazer seu agasalho na mangueira

Digitized by Google

Que vai na sombra aos poucos se immergindo,
E sob a qual, dispersos na toalha,
— Destroços de pacifica batalha —
Ha demasias de um banquete findo.

Vai expirando lentamente o dia;
O dorso da longinqua serrania
Tinge-se de violeta;
E a flava luz que, tremula, se arrasta
Attrahe, seduz, arrasta
Iriada borboleta,
Que entre as folhas da annosa mongubeira,
Brilhantes como brazas,
Occulta-se ligeira
Pandiculando alegremente as azas.

Digitized by Google

FLOR D'ALVA

Esmorecia ao longe o garganteio
Dos gallos; pouco a pouco e docemente,
Folha a folha, de cumulus no meio,
Desabrochava a rosa do nascente.

Expandia-se mais e, lentamente,
Ganhava todo o céo; no enorme seio
Brilhava um rócio estranho e refulgente;
E de aromas o espaço estava cheio.

Mas subito tremeu no caule enorme...
Tremeu, murchou, pendeu... Em bando informe,
As pet'las pelos pincaros do monte

Voaram... Quado a palpebra radiosan
Do sol se descerrou, da pobre rosa
Nenhum vestigio havia no horisonte....

Digitized by Google

FARNIENTE

A Porphirio Nogueira.

Vai dormir o astro-rei : a fronte enrola
No seu lençol de purpura e de brasas;
Fecha os olhos, e a tarde desenrola
Sobre o seu leito as pardacentas azas.

Uma andorinha que de alem se evola,
Dilacerando as vespertinas gazas,
Curveteia, se eleva, caracola . . .
E arrulham pombos nos beiraes das casas.

Traz-me a sombra, que espraia-se e que alaga
O céo e a terra, uma tristeza vaga,
Um quebramento doloroso, infindo . . .

E como Ophelia desmaiada e fria,
Desce a musa ridente da alegria
eN torrente da luz que vai fugindo . . .

Digitized by Google

NOCTURNO

A José Olympio.

Varre o crepusc'lo as pégadas que o dia,
A correr imprimira em luz no espaço;
Triumpha a sombra audaz a cada passo;
Das campinas gentis morre a alegria.

Aqui nocturno passaro esfusia;
Alem, do firmamento no regaço,
De uma estrella o clarão tremulo e baço
Desponta, e a noute desce calma e fria.

E emquanto a sombra marcha e se condensa,
Como uma flor vivissima, suspensa
Aos frouxéis de uns cabellos enlutados,

Vê-se, entre a escuridão que inunda a terra,
Brilhar na coma altissima da serra
A vermelha fogueira dos roçados.

Digitized by Google

Do cimo da ladeira,
Olhando para as bandas do nascente,
Eu descortino a povoação ridente,
Luminosa e faceira.

De uma casinha chata,
Encravada na beira do caminho,
Brilhante como prata
E alegre como um ninho,
Se escapam baforadas de fumaça.

Pausado e calmo, passa,
Atravessando a estrada,
N'uma fila symetrica, o rebanho.

Toalha ao hombro atada,
Vêm voltando do banho
As moças do lugar,
— A saúde pulsando em cada membro,
A alegria no olhar . . .

Rubro, um sol de dezembro
Lentamente se alteia no horisonte:
Já doura ao longe os pincaros do monte,
As torres da matriz
E a copa desmedida e sobranceira
De uma annosa e vetusta cajaseira
Que ergue no espaço a athletica cerviz.

Digitized by Google

A MÃE LOUCA

Traz suspensa da mama dessecada
Uma creança anemica e franzina,
Cuja bocca sedenta e pequenina
Vai-lhe roubando a vida amargurada !

Jamais bateu na pallida menina
A quem com uma ternura sublimada,
Cantarolando meigamente, nina,
Si ella chora de fome ou de cansada.

Em meio a escuridão dessa loucura
Brilha uma lucidez perenne e pura
Que resiste aos embates da demencia.

E' que o amor maternal é imperecivel,
— Facho immortal, bemdito, inextinguivel
Na tenebrosa noute da existencia !

Digitized by Google

CARTA

A duas Senhoras que me pediram versos.

Ha dias, minhas Senhoras,
Que ando afflicto e entristecido
Pensando todas as horas
Em fazer vosso pedido!

Entre a Positividade
Que me enregelou a mim
E a antiga Idealidade
Travou-se lucta sem fim.

Mas, — pobre de mim! nem mais
Eu já me lembro de quando
Andava rindo e cantando
Roseas canções matinaes!

Uma crosta espessa e fria
Como a dos lagos polares
Encobriu-me os nenuphares
Dourados da Phantasia.

Si, — denodada viajante —
Vem-me ao cerebro, por dó,
Uma idéa mais brilhante,
Precisa andar a trenó!

Digitized by Google

E o sol da Imaginação
Por mais que fulgure e aqueça,
Fica sempre a crosta espessa
Nessa mortal quietação.

Entro no quarto onde outr'ora
Eu, — que diluvio ! — fazia
Quatro sonetos por hora,
Quinhentas quadras por dia ;

E acho-o triste, despresado,
Escuro, lugubre e frio
Como um ninho abandonado,
Como um coração vasio . . .

A minha banca, esquecida
Tem uma apparencia estranha,
Assim como está — vestida
De cortinados de aranha !

O nivel do pó se eleva
Sobre a pasta dia a dia ;
Os livros, — que balburdia !
Não ha penna que os descreva !

Rumas de Rimas ruidosas
Que eu guardava de ante-mão
Para pintar as trevosas
Borrascas do coração ;

Digitized by Google

O infinito sortimento
Das Epigraphes sonoras;
Retalhos de firmamento,
De Tardes, Noutes, Auroras;

Uns tantos adjectivos
Roseos, limpidos, joviaes,
Pintalagados, festivos,
— Bons p'ra bordar madrigaes;

Verbos sonoros, suaves,
Pelintras, claros, facetos;
Aureas cambadas de chaves
Com que eu fechava os sonetos;

Bons adverbios em *mente*;
Hemistichios diamantinos
Para fazer docemente
Valentes alexandrinos:

As Imagens scintillantes,
— Todas em primeira mão
Inauditas, estonteantes,
Incriveis de perfeição:

Tudo abandonou-me, tudo!
E agora vejo-me só,
— Fronte na mão, labio mudo,
Triste e pobre como Job!

Digitized by Google

CANÇÃO

(Aug. Vacquerie.)

« Um pescador dos mares inclementes
Me perguntou da profundeza cérula :
— Bella Maria, queres esta perola ?
Eu disse : — são mais lindos os meus dentes !

« Fulgiam sóes nas célicas umbellas
Como pharóes illuminando abrolhos :
— Escolhe, disse o Rei, duas estrellas . . .
E eu disse : — são mais lindos os meus olhos !

« E São Pedro me disse : — O paraiso
Eu te darei, — esplendido de flores . . .
E eu respondi : — Senhor, eu não preciso,
Tenho tambem o céo de meus amores !

« Então Satan me disse : — Não são bellos
Esses mimos do Céo, pobres, banaes :
Dou-te o Inferno . . . E eu disse a Satanaz :
— Eu tenho o Inferno, pois que tenho zelos ! »

Digitized by Google

HISTORIA DE UMA ROMEIRA

A Mme. João Lopes.

Foi num domingo de manhã, que andando
A borrifar as flores, descobri-a
A um canto do jardim ; sobre ella um brando
Raio de sol primaveril cahia.
Nas folhas pequeninas
Tinha o verde ridente das ondinas,
E o caule era tão fragil, tão esguio
Como de vidro um delicado fio.
Eu não sabia como
Essa humilde plantinha ali nascera . . .
— De onde viera o purpurino gomo ?
Foi talvez alguma ave que o trouxera
De longinquos jardins . . .
Era tão feio,
Tão arido o lugar onde crescera,
Que de alegria e de piedade cheio,
Eu murmurei ao vel-a :
— Deus ! Como é fraca ! Oh ! vamos protegel-a !

Pul-a dentro de um jarro
— D'esses moldados em patricio barro —

Digitized by Google

Do qual enchi a valla
D'agua, fazendo um mar para amparal-a
Contra a invasão das vandalas formigas,
— Famulentas, terriveis inimigas
Das plantas infantis.
Depois, quando julguei-a em segurança,
Sentia-me feliz
E ria como ri-se uma creança.

Todos os dias, quando
A aurora purpurina
Vinha esgarçando as brumas do levante,
O dia annunciando
Entre risos de gallos-de-campina
E de clarim triumphante ;
De regador em punho, lá eu ia
Banhar a romeirinha d'agua fria,
— Todo carinho e cheio de anciedade,
Vendo-a subir victoriosamente
N'uma gamma ascendente,
Num sonoro esplendor de puberdade !
E que festa, meu Deus, dos beija-flores,
E que jubilo o meu quando a romeira
Entre as folhas mostrou as rubras cores
Da sua flor primeira !
Mais tarde, ao flammejar dos sóes fecundos,
Viriam pompear-se os bellos fructos
Macios, setibundos,
De um rosicler de seios impollutos . . .

Digitized by Google

Mas tive de partir . . . Com que saudade
Foi que deixei sosinha
A doce amiga minha
Nessa mortal e ingrata soledade !

. . . . . .

Quando voltei, nem uma
Folha nem flor havia na romeira :
A agua seccara, e, em multidão traiçoeira,
As formigas hostis,
Cheias de raiva ultriz,
Devoraram-lhe a seiva, a folha, as flores ;
Abrazaram-n'a os ósculos do sol . . .
E desde então jamais os beija-flores
Vêm ao jardim ás horas do arrebol ! . . .

Já d'ella tudo se esqueceu ; apenas
Guarda a visinha mouta de açucenas
Uma lembrança pallida e confusa . . .

E eu, recordando a triste sorte avessa
D'essa planta, receio que aconteça
Alguma cousa igual á minha Musa . . .

Digitized by Google

EMILIO CABRAL

Chego emfim ao teu tumulo : piedosas
Mãos amigas cobriram-no de flores ;
Falam de ti as lettras silenciosas
Da luz do cyrio aos tremulos pallores.

Ouviste as longas preces suspirosas,
As lancinantes explosões de dores
E recolheste as lagrimas saudosas
Dos que na vida foram teus amores.

Eu não me curvo, oh ! alma pura e boa,
Nem minha alma uma prece a Deus entôa,
Por mais que esta saudade immensa algeme-a ;

Pois que emquanto o pesar me dilacera,
Eu sinto, assim como indomavel fera,
Rugir dentro do peito uma blasphemia !

Digitized by Google

ULTIMA FOLHA

(Imitado de Gauthier.)

Por entre as pobres arvores crestadas
Pelos ardores d'este sol queimante,
Sem um ramo onde um passaro descante
As sonoras canções das madrugadas;

Uma ha que tem das franças desnudadas
No mais alto lugar, viva e cantante,
Uma folha isolada e tremulante
Vencendo o sol e as rispidas lufadas.

Emquanto esta folhinha coroar-te,
Oh! arvore feliz! — hade poupar-te
O assassino mangil do lenhador,

Como a Dor poupa uma alma enfebrecida
Que entre os terriveis furacões da vida
Tem como folha derradeira — o Amor.

Digitized by Google

MADRUGADA

Os gallos, pelos quintaes,
Cantam saudando a alvorada ;
Ao longe a corneta brada ;
Soam sinos festivaes.

Ao passo que a madrugada
Clareia de mais em mais,
Homens munidos de escada
Andam apagando o gaz.

Aqui paira um cheiro morno
De pão que tiram do forno ;
Ali já cheira a café . . .

E pelas ruas immotas
Passam bandos de devotas
Que vêm da missa da Sé.

Digitized by Google

DESMORONAMENTO

A Alvaro Martins.

Era um castello azul que eu levantei da vida
Em meio. Junto ao humbral de lucida saphira,
— Inspirado e feliz — eu dedilhava a lyra,
No bemdito fulgor das crenças incendida.

Da trepadeira em flor as tremulas volutas
Verdejavam no albor de altivas balaustradas;
Miravam-se os rosaes nas fontes argentadas
Que sahiam do arcano incognito das grutas.

Nas sonoras manhãs, aos castos beijos lentos
Do sol, iam-se abrindo os pétalos nevados
Dos lyrios e jasmins, e os pombos alvacentos
Beijavam-se, a arrulhar, nos lambrequins dourados.

Que mysterios, meu Deus, que encantamento infindo
Enchia tudo, quando, em noutes silenciosas,
Os célicos degraus a lua ia subindo,
Magestosa, a arrastar as vestes luminosas!

Lá dentro não chegava o estrepito incessante
Do doudo tumultuar das lutas da existencia,
Nem das turbas febris que gemem na inclemencia
Ouvia-se o reboar de um grito lancinante...

Digitized by Google

Uma alegria sã, ingenita e tranquilla,
Bordada de illusões, perennemente enchia
Meu ser, que era assim como a face lusidia
De algum lago que o céo risonhamente anila.

O ledo coração cantava-me no peito
Uma alegre canção illuminada e doce,
Como canta no ninho um passaro que trouxe
Um grão ao filho seu, que dorme satisfeito.

Mas um dia ennoitou-se a cupola do espaço;
Mirraram-se os jardins: calaram-se as cascatas;
Foram vergando o talhe as niveas columnatas...
E o castello cahiu, com horrido fracasso!

Desde então, quando o sol se obumbra nas collinas,
E sahe dos seus covis essa panthera — a Dor,
Desalentado eu vou chorar sobre as ruinas,
D'esse castello azul — o meu primeiro amor.

Digitized by Google

LONGE . . .

Tu tens na voz as languidas doçuras
Das delicadas cytharas dolentes
E tens no olhar as vividas negruras
Dos sombrios onixes refulgentes.

Quando frizas do labio as commissuras,
Rindo, cavas nas faces innocentes
Duas covinhas, — duas sepulturas
Para os beijos de amor, longos e ardentes . . .

Ha no teu ser as roseas alegrias
Das aves novas, gárrulas, macias
Como é macio o teu cabello preto . . .

Doce morena ! — como não te vejo,
Peço a Deus para dar azas a um beijo
Que te leve este pallido soneto !

Digitized by Google

DE PRETO

Nuvens de seda lutulenta, escura,
Envolvem toda a esplendida alvorada
Do teu corpo — esse mimo de esculptura
Que me desvenda a phantasia ousada . . .

O teu rosto de nitida brancura,
Cheio de uma expressão quasi sagrada,
Não me engana, pois sob essa candura
Que finges, pulsa uma alma apaixonada . . .

Sahe um triste rumor de casuarinas
Do roçagar das escumilhas finas
Quando tu passas, magestosa e calma . . .

E eu que nutro por ti louco desejo,
Contento-me em pensar quando te vejo
— Que tu vens envolvida na minh'alma . . ..

Digitized by Google

A JOÃO CORDEIRO

Fez-se um facto, afinal, a esplendida chimera
Que aninhavas no peito herculeo e diamantino,
— Templo onde inda resôa a benção grata e austera
Dos irmãos que remiste — augusta como um hymno!

O teu sonho de gloria ardente e purpurino,
Que tingia de rubro a verde primavera
Da tua juventude, esse teu sonho que era
Como um sol a pairar por sobre o teu destino:

Deixou de ser um sonho—é uma verdade enorme!
Já não nos apavora esse espantalho informe
O throno medieval do velho imperador . . .

Hoje o augusto clangor da Marselheza, enchendo
Os ares do Brazil, num másculo *crescendo*,
Canta a Gloria, o Porvir, a Liberdade, o Amor!

Digitized by Google

NO INVERNO

Não sei que amor inexprimivel, fundo
Sinto pelas manhãs bellas e frias,
Quando da chuva as bategas sadias
Jorra cantando o páramo profundo!

De um suave prazer então me inundo,
Sinto no peito estranhas harmonias
E corro atraz de ardentes utopias
Que se evolam em busca de outro mundo...

E penso em quando ao longo dos caminhos
Rorantes, festivaes, emquanto os ninhos
Soltavam notas tremulas no espaço,

Eu caminhava á luz de uns olhos vivos
E estremecia aos fremitos lascivos
Da veludosa mornidão de um braço!...

Digitized by Google

BEATRIZ

Veste de preto. E' franzina
Como as douradas phalenas;
Tem vinte mezes apenas
E já não tem pai... Que sina!

Fugiu-lhe a graça traquina
Das frageis formas pequenas;
Nas suas faces morenas
Jamais um sorriso trina.

Quando entre beijos alguem
Pergunta, acaso: — meu bem,
Onde está o papai teu?

Então o pallido anjinho
Levanta o olhar e o dedinho,
Suspira e diz: — *tá no céu!*

Digitized by Google

VITA NUOVA

I

Respiro, emfim. Do horrivel pesadelo
Que me esmagava o peito exangue e afflicto
Desperto, e o teu olhar sereno e bello
Banha-me a fronte de um clarão bemdito.

Soffri, chorei . . . Mas para que dizel-o ?
Longe esse sonho tetrico e maldito !
Olhas-me e ris fazendo-me esquecel-o,
Mudando em riso o meu pungente grito.

Vamos partir em busca do futuro ;
Aquelle ponto temeroso e escuro
No concavo do céo já não se vê.

Uma força invencivel nos arrasta . . .
Nós amamo-nos, flor, é quanto basta :
— Oh ! alma irmã da minha, espera e crê !

Digitized by Google

VITA NUOVA

II

Espera e crê! A marcha soberana
Do nosso amor — essa torrente clara
E impetuosa que do céo dimana
No negro mar do tumulo é que pára.

Antes, não, que nenhuma força humana
Pode domal-a! Quem em tal pensara
Veria como forte ella espadana
E como brusca e indomita dispara!

Nessa torrente limpida desçamos;
Pendem flores lindissimas dos ramos,
Cantam aves á luz que brilha e ri;

Façamos o trajecto alegremente;
Um genio bom nos leva para a frente:
— Crê em Deus, meu amor, que eu creio em ti!

Digitized by Google

NINHO VASIO

Como um convalescente que procura
Ver sequioso de novo a luz do dia,
Hontem fui ver-te, oh! santa creatura,
— E como ancioso e palpitante eu ia!

Mas — ai! — tua janella estava escura,
E sobre a casa lugubre e vasia,
Para augmentar a minha desventura,
O luar melancholico fulgia...

Quasi a chorar, com a alma amargurada,
Voltei, mas ao voltar disse a uma estrella,
A mais bella das plagas sideraes:

« Quando chegar a minha doce amada,
Beija-lhe a fronte e dize que eu vim vel-a,
Saudoso e cada vez amando-a mais! »

Digitized by Google

A VOLTA

Quando apertei-te a mão, tremulo, cheio
Das tristezas mortaes da despedida,
Meu coração passou para teu seio . . .

Adeus ! Na curva azul-embranquecida
Do céo a lua docemente veio
Tornar mais triste o instante da partida . . .

E transpuz o portão . . . A larga estrada
Se alongava ante mim, branca e silente,
De negros mattagaes emmoldurada.

Ao trote brando do corcel valente,
Eu regressava . . . A casa idolatrada
Se occultava nas brumas lentamente . . .

Eu vinha mudo e triste, e os companheiros
Mudos vinham tambem. Tremeluzia
Pallidamente a lua entre os nevoeiros.

Uma casinha aqui e ali surgia
D'entre as aleas frondentes dos cajueiros,
E um som de viola na soidão gemia.

Digitized by Google

Um silencio profundo e religioso
Pelas varzeas phantasticas, desertas
Derramava um torpor voluptuoso . . .

E as carnahubas, como mãos incertas
Mandando ao longe algum adeus saudoso,
Moviam no ar palmas entreabertas.

Então a caprichosa phantasia,
Como um fiel phonographo, lembrava
Todo o encanto idéal d'aquelle dia . . .

Terna e languente, a tua voz pairava
Em derredor, e, como harpa erradia,
Aos meus ouvidos, tremula, vibrava . . .

Em cada estrella timida, hesitante,
Eu via o teu olhar medroso, quando
Me contemplaste no primeiro instante . . .

E julgava sentir o attrito brando
Do teu braço, como aza roçagante
Inda de leve o braço meu tocando . . .

Nitidamente eu via a tua imagem
Risonha, angelical, *bianco vestita*,
Estampada nas nevoas da paisagem.

Digitized by Google

Me precedia essa visão bemdita,
Como a nuvem de Deus que na viagem
Guiava o passo ao povo israelita.

. . . . . .

Cheguei, e o encantamento inda perdura :
— Da tela azul da phantasia em meio
Trago-a sempre a sorrir, etherea e pura !

E' que naquelle dia edeneo, cheio
Da mais completa e limpida ventura,
— Como avesinha que seu par procura,
Meu coração passou para teu seio . . .

Digitized by Google

IGNOTA

Eu não direi á turba indifferente
A côr do teu olhar que me inebria,
Nem falarei da célica harmonia
Que se desprende do teu labio ardente!

Teu sereno perfil, doce, innocente,
Não vou traçar na tela escura e fria
De um soneto; fazel-o eu só podia
Si elle fosse por ti lido somente.

Não vão meus versos fracos e indecisos
Pintar a graça infinda dos teus risos
Ante o gélido olhar da multidão;

Direi apenas que és modesta e bella,
Direi apenas que tu és aquella
Por quem sinto bater-me o coração!

Digitized by Google

MIGNONNE

Branca, risonha, gárrula e pequena,
— Tão pequena que ao vel-a pensa a gente
Ser ella microscopica açucena
Branca e cheirosa, mas que fala e sente !

A mais subtil e delicada penna
Havia de cançar-se inutilmente
Si quizesse pintar essa phalena
Leve, fugaz, aerea e opalescente !

Os olhos negros no rostinho brando
São dous insectos lucidos brilhando
Pousados sobre a folha de um jasmim.

A bocca é rubra, e si eu ousado fosse
Affirmaria que ella é doce, doce
Como a d'essas bonecas de alfenim . . .

Digitized by Google

LOURA

Tens no cabello a côr fulgente, estranha
Dos luares phantasticos, dourados;
Fazes lembrar os trigos sazonados
E as castellãs formosas da Allemanha!

Teu rosto é como a nevoa da montanha
Que a aurora tinge de uns clarões rosados,
E o teu olhar — igual aos céos lavados —
De uma doçura angelica se banha!

Quasi creança; emtanto és scismadora;
Tornas-te muda quando a face loura
O sol no occaso brandamente esconde...

Ante alguem, como tu, pouco terrestre
Foi que um dia bradou o grande mestre:
— *Tête sacrée! Enfant aux cheveux blondes!*

Digitized by Google

MYOPE

Tem uma *pose* vívida, engraçada;
Move com garbo a umbella petulante;
Marcha firme, gazil, desempenada,
E olha atravez de um *pince-nez* brilhante.

Tem cintura de vespa, mãos de fada
E uma estranha viveza no semblante;
Ninguem como ella solta uma risada
Tão sonora, tão limpida e vibrante.

Olha as cousas e a gente bem de perto;
Tem malicias subtis no olhar incerto;
Valsa com um *chic* donairoso, infindo...

E' caprichosa, e quando impunemente
Quer esquivar-se de saudar a gente,
Desmonta o *pince-nez* e passa rindo...

Digitized by Google

PELO PASSADO

O seu ultimo olhar... Quanta doçura
Havia nesse derradeiro olhar!
Jamais brilhou na célica planura
Tão docemente um raio de luar!

Havia nelle a languida tremura
Que tem a estrella d'alva a se espelhar,
Saudosa e melancholica na escura
Tela encrespada e intérmina do mar.

E nunca mais a vi! Desde esse instante
Que o desalento — um cardo lancinante —
Dentro em meu peito noute e dia cresce.

Entretanto eu podia, como outr'ora,
Fazer da vida uma eternal aurora...
— Si eu podesse esquecel-a... Ah! si eu podesse...

Digitized by Google

OUVIR OLHARES

Falam teus olhos limpidos! E quando
Tu nos meus olhos longamente os fitas,
Eu, de tua alma as paginas folheando,
Leio as cousas gentis nellas escriptas.

Falam os mais . . . Nós, mudos, contemplando
Ficamos nossas illusões bemditas
Que unidas partem num ditoso bando
Do porvir para as plagas infinitas . . .

Teu roseo labio permanece mudo,
Mas entretanto tu me dizes tudo,
Todo o segredo de tua alma ardente . . .

Por isso quando a gente estranha fala
Nós nos olhamos, nosso labio cala
Para falarmos mais intimamente . . .

Digitized by Google

A SURPREZA DA LUA

Eil-a a voltar da longa romaria
Que faz de quando em vez á immensidade :
Volta, e volta mais pallida e mais fria,
Sempre a chorar de intérmina saudade !

Vem mendigar um pouco de alegria
A's almas cheias de felicidade
E se aquecer na lúrida ardentia
Dos olhares repletos de ebriedade.

Eu sempre fui seu mais risonho amigo,
Por isto, anciosa, corre a ter comigo ;
Entra a janella ; cahe-me sobre o leito . . .

Olha-me a fito e, subito, descora ;
Palpa-me o coração e treme e chora
Por ver que tu -me fugiste do peito . .

Digitized by Google

UN TOUR DE LAC

Eu era o gondoleiro
Do batel feiticeiro
Que ia manso a vogar
Rente ás aguas do lago,
Onde fulgia o incendio argenteo e mago
De um sereno luar.

No centro, o deus dos mares,
De pé sobre a pyramide sombria,
Alongava tristissimos olhares
Pela amplidão translucida e vasia.

Bem me importava a mim d'esse isolado
Deus a amarga tristeza!
Vós sorrieis-me ao lado,
Na doce morbideza
Que o luar infiltrava em vossas almas...

Agitavam-se as palmas
Das arvores da borda,
Onde de corda em corda
Geme a brisa ternas volatas,
— Echo das serenatas
Que nas noutes nostalgicas, serenas,
Cantam os nautas no convez deitados.

Digitized by Google

Das moutas de açucenas
Repontavam os calices nevados
D'entre o espesso grammal da ribanceira,
De onde sahiam trillos incessantes.

Em fila sobranceira,
Os cysnes scintillantes
Andavam-nos em torno,
Cruzando o lago morno
Imperturbavelmente.

Vossos vestidos claros
Batidos pela luz alvinitente,
Tinham brilhos de marmore de Paros.

Os reflexos dos astros, irradiando
D'entre as aguas tranquillas,
Pareciam-me as timidas pupillas
De alguma deusa aquatica me olhando...

E o velho deus dos mares,
De pé sobre a pyramide sombria,
Alongava tristissimos olhares
Pela amplidão translucida e vasia...

Digitized by Google

ALTIVA

Alta, esbelta, flexivel, magestosa
Como as deusas que o marmore retrata;
Cahe-lhe no dorso a trança ampla e sedosa
Como um jorro de turbida cascata.

Acenubios tenuissimos de rosa
Tingem-lhe a face — de uma côr de prata,
— Garbosamente altiva e desdenhosa,
De um *tic* senhoril de aristocrata.

Vejo-as ás vezes em *negligé*, de branco,
Tristemente a scismar sentada a um banco
Das aléas mais tristes do Passeio.

E assim, naquelle doce isolamento
Eleva o negro olhar ao firmamento
Cheio de trevas e de estrellas cheio...

Digitized by Google

PER TENEBRAS

Em vão procura o meu olhar febrento
No espaço a protectora claridade
Das estrellas, emquanto a voz do vento
Passa triste a ulular sobre a cidade.

Lugubre e hostil se arqueia o firmamento
Sob o qual jaz silente a humanidade . . .
E, ave errante e fugaz, meu pensamento
Vôa louco de dor e de anciedade !

Nem um astro no céo o olhar descerra,
Nem um olhar desvenda-se na terra,
Que sirva de agasalho á pobresinha . . .

Tudo dorme ! Somente o mar insano
Rola no leito, pois somente o oceano
Conter pode uma dor igual á minha !

Digitized by Google

FAREWELL!

A W. Cavalcante.

Mares em fóra, emquanto a Fortaleza
Some no azul os rúbidos telhados,
Partes . . . Tua alma, ao frio da tristeza,
Estremece nuns fremitos magoados . . .

Do mar a vasta superficie, acceza
De fogos fatuos, te fará lembrados
Negros olhos de quem conserva preza
Tua ventura aos labios nacarados . . .

No fundo azul das solidões remotas,
Quando a terra afinal já não se aviste,
E palpitem as flamulas revoltas;

Nossas almas em forma de gaivotas
Hão de seguir-te num cortejo triste
Que o vento arrasta como folhas soltas!

Digitized by Google

RETRATO INCOMPLETO

Eu venho debuxar na pagina adorada
D'este mimoso livro o teu perfil, Senhora:
Quero o albor da neblina e o rosicler da aurora
Para imitar-te a côr da face immaculada.

Senta-te junto a mim. Vou começar agora.
Podes rir e falar; levanta mais um nada
Essa ousada cabeça angelica, onde mora
Dos santos ideaes a multidão iriada.

Todo socego agora e toda calma é pouca:
— Vou a curva traçar da tua airosa bocca;
Já tenho na palheta as tintas do arrebol.

Agora, os olhos . . . Não! Deixo de mão a empreza!
Deslumbra-me esta luz! Perdôa-me a fraqueza;
Mas não posso, Senhora, olhar a fito o sol . . .

Digitized by Google

PALLIDA

A Papi Junior.

Branca e tristonha como a antiga Musa,
Tem a vaga expressão desoladora
De uma languente e pallida reclusa
Em cujo peito o desalento mora.

Seu rosto é como desbotada aurora
Que a bruma envolva em nebula confusa
E onde fria e chorosa tremelusa
A estrella d'alva errante e scismadora!

Não sei que dor inexprimivel, rude,
Cresta a rúbida flor da juventude
D'essa formosa e languida creatura . . .

Como que diz seu desolado aspeito
Que o coração, fugindo-lhe do peito,
Foi habitar alguma sepultura! . . .

Digitized by Google

LOUREIRA

Tu que adejaste por alguns instantes
Sobre as rosas da minha mocidade,
Sentes-te agora preza de anciedade
Por beijar outras rosas mais distantes . . .

Vai, que eu não choro! Em vôos delirantes,
Livre e febril, recorta a immensidade;
Beija as flores de todos os cambiantes
Até que emfim te chegue a saciedade!

Vai, diabrete perfido e formoso
Que recordas o mausoleu faustoso
De que falam as lettras do Evangelho . . .

E's um fructo enganoso do Asphaltita,
E's, oh! mulher diabolica e bonita,
Tão nova e tens um coração tão velho!

Digitized by Google

A UMA ARVORE

Vi as folhas cahirem-te, e foi quando
Umas queridas illusõs que eu tinha
Iam tambem, tristonhas, me deixando,
— Oh ! companheira da tristeza minha !

Vi-as partir num lastimoso bando . . .
E muita vez alguma d'ellas vinha
Entrar-me o quarto, timida, chorando
Como sequiosa e pallida orphãsinha . . .

Adornam-te hoje a tremula ramagem
Milhões de novas folhas, onde a aragem
Dedilha umas volatas festivaes . . .

Dia por dia, tufam-se mais bellas ;
Mas meus sonhos, que foram-se com ellas,
Debalde espero-os : não voltaram mais !

Digitized by Google

NÃO RIAS

O teu sorriso, que era a minha aurora,
Fonte de onde emanava essa ambrosia
Que nos meus versos, rutila, corria;
O teu sorriso . . . faz-me mal agora!

Deixa p'ra rir quando estiveres fora
Da minha vista; pois quando irradia
No teu labio essa vivida alegria,
Inda em meu peito uma saudade chora . . .

Chego a pensar, ás vezes, que esqueceste
Toda a historia divina que escreveste
De minh'alma na pagina mais pura . . .

Já não te amo, nem amas-me! entretanto
Respeita as cinzas d'esse amor tão santo!
— Pois ousas rir ante uma sepultura?!

Digitized by Google

ANDORINHA PERDIDA

Foram-se as mais e ella ficou sosinha,
Perdida na amplidão indifferente;
Desce ás vezes, do solo passa rente;
Depois sobe, das nuvens se avizinha.

Procura em vão as telhas da casinha
Onde deixou seu ninho amado e quente;
Parte, recúa, alonga o olhar ardente...
— Meu coração, és como essa andorinha!

Tambem ficaste assim, no descampado,
Num adejar febril e allucinado,
Cortando o espaço em doudas espiraes.

Fitas de balde o páramo infinito,
E eu te contemplo e te pergunto, afflicto:
— Andorinha perdida, onde é que vaes?

Digitized by Google

REPOUSO

Musa, paremos ! Sei que vens cansada :
Tonta de somno ao braço meu te arrimas ;
Trazes a lyra já desafinada
E vazias as amphoras das rimas.

Longa e penosa foi esta jornada
Que fizeste através de ingratos climas,
E o desejo de achar uma pousada
E' bem que agora ao teu amigo exprimas.

Mas como é longe o termino da senda,
Vou levantar-te ás pressas uma tenda,
Um doce abrigo tepido e discreto . . .

E velarei fitando o espaço infindo,
Emquanto, oh ! Musa, ficarás dormindo
Sob a cupola azul d'este soneto.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

Panno de bocça (prefacio). I
O lenço 1
Reminiscencias 3
Vice-versa 4
Manhã de festa 5
Em Abril. 6
Ao luar 7
Beijos. 9
De tarde 10
Chromo 11
No cemiterio 12
Por montes e valles 13
Sertão a fora 14
De volta do campo 15
A volta das andorinhas 16
Na praia 19
Manhã de luto. 20
Teu leque 22
Na avenida 23
Alegre 25
Na republica 26
Carminha 27
Em Maio. 28
Viajando. 29
Renascimento 30

Digitized by Google

Dormindo 31
Crepuscular. 32
Mutilação 33
Na villa 34
No meu anniversario. 37
A garça 38
Barra a fora. 39
?... 40
Pendant l'orage 41
O vestido azul. 42
Dolores... 44
Versos a Julieta 45
Antes de ir vêl-a 48
Consolação 49
Mistress *** 50
Lá... 51
Fora das ruas 52
Flor d'alva 55
Farniente 56
Nocturno. 57
Panorama 58
A mãe louca 59
Carta 60
Canção 63
Historia de uma romeira 64
Emilio Cabral 67
Ultima folha 68
Madrugada 69

Digitized by Google

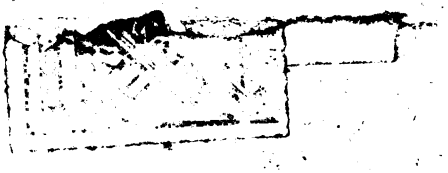
Desmoronamento 70
Longe. 72
De preto. 73
A João Cordeiro 74
No inverno 75
Beatriz. 76
Vita Nuova 77
« « 78
Ninho vasio. 79
A volta 80
Ignota 83
Mignonne 84
Loura 85
Myope. 86
Pelo passado 87
Ouvir olhares 88
A surpreza da lua. 89
Un tour de lac 90
Altiva. 92
Per tenebras. 93
Farewell ! 94
Retrato incompleto 95
Pallida 96
Loureira 97
A uma arvore 98
Não rias 99
Andorinha perdida 100
Repouso 101

Digitized by Google

Digitized by Google

1.50

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google